EXCLUSIVIDADE OU PRIMAZIA DAS PRÁTICAS MAIS RARAS:

os deslocamentos multiterritoriais na socialização
das classes superiores paulistas

EXCLUSIVITY OR PRIMACY OF THE RAREST PRACTICES:

the multi-territorial displacements in the
socialization of São Paulo upper classes

Carolina Pulici^a

Resumo Este artigo discute a proeminência e as especificidades das práticas multiterritoriais no estilo de vida das elites. Com base em entrevistas com membros das classes superiores paulistas, argumenta que tais mecanismos de socialização no estrangeiro contribuem para a ocupação de posições de poder e a acumulação de um capital cultural internacional. Do ponto de vista dos referenciais de boa conduta em matéria de excelência social, o texto aponta que os indivíduos de alta extração estudados são os que mais conseguem honrar as prescrições em prol da aprendizagem dos códigos sociais cosmopolitas e dos deslocamentos geográficos mais distintivos num dado momento, que mais eficazmente preservam dos espaços densamente ocupados e do contato direto com as multidões.

Palavras-chave práticas culturais multiterritoriais; socialização internacional; evitação social; classes superiores; São Paulo.

Abstract *This article discusses the prominence of the multi-territorial cultural practices in the lifestyle of the elites. Based on semi-directed in-depth interviews with members of São Paulo upper classes, it argues that such socialization abroad contributes to the occupation of positions of power in Brazil and the accumulation of an international cultural capital. From the point of view of what is considered to be social excellence,*

a Professora de Sociologia do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

the text points out that the individuals of high social extraction studied are the ones that can better honor the prescriptions in benefit of the apprenticeship of cosmopolitan social codes and of the most distinctive geographical displacements in a given time, that can more effectively preserve from the densely occupied spaces and direct contact with the crowds.

Keywords *multiterritorial cultural practices; international socialization; social avoidance; upper classes; São Paulo.*

Para a Ceci, mais que irmã.

INTRODUÇÃO

Os deslocamentos territoriais são práticas socialmente distintivas, como demonstram as estatísticas recentes encomendadas pelo Ministério do Turismo brasileiro, que informam que apesar de o número de brasileiros que viaja (pelo país e para o exterior) nunca ter sido tão alto, quando se verificam as proporções de domicílios com viajantes na população urbana do país, tem-se que em apenas 4,3 de cada 100 domicílios “pelo menos um de seus residentes realizou, pelo menos, uma viagem internacional em 2011”¹ (contra 2,7%, em 2007). A seletividade social dos deslocamentos territoriais é evidente mesmo em uma pesquisa voltada às viagens domésticas: quando se analisa a proporção de domicílios com viajantes mediante o critério “renda”, vê-se que em 44% dos domicílios pelo menos um de seus residentes realizou alguma viagem doméstica em 2011, mas que “a proporção de domicílios com viajantes evolui de 35,7% no estrato de mais baixa renda até 68,9% no último estrato”².

Mesmo em um país rico como a França, em que o número de viagens ao estrangeiro também é cada vez maior, os estudos apontam que “as férias permanecem, entretanto, desigualmente acessíveis às diferentes classes sociais. A proporção de operários que não viajam nunca permanece estável, por volta de 48%, e as viagens longínquas são ainda mais seletivas socialmente do que as férias na França” (WAGNER, 2007a, p. 86)³. Sobre esse mesmo país, outra pesquisa também mostrou

1 Cf. Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil – 2010/2011. *Relatório executivo apresentado pela FIPE* (Fundação Instituto de pesquisas Econômicas), em setembro de 2012, p. 2.

2 Cf. Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil – 2010/2011. *Relatório executivo apresentado pela FIPE* (Fundação Instituto de pesquisas Econômicas), em setembro de 2012, p. 37.

3 Em livre tradução.

o quanto as diferentes modalidades de férias permanecem dependentes dos perfis sociais das famílias (RÉAU, 2005).

Assim, se os levantamentos amostrais continuam a atestar que as viagens e a mobilidade geográfica (não motivada por dificuldades econômicas e políticas) permanecem desigualmente acessíveis às diferentes classes sociais, o objetivo aqui é ver como aqueles que presumivelmente mais podem honrar os referenciais de boa conduta que prescrevem a exclusividade ou primazia das práticas mais raras logram preservar-se dos espaços densamente ocupados e do contato direto com as multidões. Com base em uma pesquisa voltada aos processos de distinção social pelo gosto, no âmbito das classes superiores de São Paulo, este artigo discute a proeminência e as especificidades dos deslocamentos multiterritoriais no estilo de vida dessas elites e argumenta que tais mecanismos de socialização no estrangeiro contribuem para a ocupação de posições de poder no Brasil, para a assimilação de códigos sociais cosmopolitas e para a acumulação de capital cultural e social em escala internacional.

A PESQUISA EMPÍRICA NO ÂMBITO DAS CLASSES ALTAS CONTEMPORÂNEAS

Este artigo apresenta resultados parciais de uma investigação que coletou material de imprensa e manuais de etiqueta, realizou entrevistas e empreendeu análise secundária de estatísticas culturais. De um lado, procurou-se identificar as lógicas distintivas que depreendem dos “manuais de saber-viver” recentemente publicados no Brasil e das críticas culturais veiculadas pela imprensa paulista entre 2005 e 2009. De outro, realizaram-se (entre 2008 e 2009) trinta entrevistas semidiretivas com representantes de círculos da classe alta paulistana. Como não seria possível discutir aqui as condições em que transcorreu o trabalho de campo com indivíduos abastados que impõem resistências ao contato e tendem a dominar a situação da entrevista (CHAMBOREDON; PAVIS; SURDEZ; WILLEMEZ, 1994; PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2005), apresentar-se-ão, sucintamente, os princípios praticamente considerados na seleção dos informantes. Visto que não se dispõe de um equivalente do *Bottin Mondain* ou do *Who's Who*, nem de pesquisas amostrais que captem esses segmentos, identificaram-se os agentes socialmente designados como “ricos” por meio de critérios “reputacionais” advindos de informações difundidas na imprensa, nos livros de homenagem às elites e em nosso próprio círculo de relações pessoais e profissionais. Face à impossibilidade prática de introduzir na análise dados de estrutura – como rendimentos de operações financeiras e valores de patrimônio (MEDEIROS, 2005) –, também foram usados critérios institucionais,

recorrendo a ocupantes dos postos de maior poder, tendo usado ainda e, sobretudo, parâmetros concernentes à apropriação privilegiada do espaço urbano⁴. A dificuldade de acesso aos altos estratos, assim como sua precária delimitação empírica, impôs uma flexibilidade de seleção dos entrevistados que, a rigor, é incompatível com as exigências de constituição de uma “amostra”. Nesse sentido, a análise aqui é antes de tudo exploratória.

Atenta à multidimensionalidade das formas de riqueza apreendidas de forma sincrônica e diacrônica, a pesquisa em que se fundamenta este artigo logrou reunir indivíduos marcados por disparidades associadas à estrutura e/ou à evolução no tempo do volume total de capital. Dito concretamente, a coleção de casos *que foi possível* constituir abrangeu representantes das frações das elites mais ricas em capital econômico (banqueiros, industriais, empresários, altos executivos/presidentes de grandes empresas), das frações mais ricas em capital cultural (artistas/arquitetos/decoradores, professores universitários/pesquisadores, jornalistas, psicanalistas), das frações intermediárias constituídas por profissionais liberais (médicos, advogados, engenheiros) e dos segmentos formados pelos mais altos cargos públicos (embaixadores, ministros, cônsules). No que tange à origem social dos entrevistados, aproximadamente metade nasceu nas classes superiores; pouco mais de um terço advém de frações das classes médias; e uma minoria é oriunda de “famílias humildes”. Se uns se caracterizam pela superioridade social determinada, principalmente, pelo papel profissional, com sua posição social reduzindo-se à posição no sistema produtivo, a maior parte deles dispõe de formas suplementares de capital como cultura, prestígio e relações.

OS DESLOCAMENTOS GEOGRÁFICOS RAROS COMO PRINCÍPIO DE EXCELÊNCIA (E SUCESSO) SOCIAL

Apesar de os dados estatísticos atestarem as condições socialmente restritivas dos deslocamentos territoriais, a crônica da vida mundana veiculada nos manuais de etiqueta e nas críticas culturais não deixa de proclamar a superioridade das pessoas viajadas e cosmopolitas. Assim, enquanto as estatísticas provam que as viagens e os demais mecanismos de socialização internacional são práticas socialmente discriminantes, algumas “prescrições de bem-viver” fazem disso um

4 Estudos sobre as especificidades da urbanização paulistana identificaram experiências de segregação mais drásticas do que em outras capitais do país e apontaram que tal zoneamento social da cidade se intensificou com a criação dos bairros-jardins, onde foi efetuada a maior parte das entrevistas (Cf. MARINS, 1998; WOLFF, 2001).

princípio de excelência social, lançando, inevitavelmente, ao descrédito aqueles cujas condições de existência (e o próprio conjunto do estilo de vida) são incompatíveis com a exclusividade ou a primazia das práticas mais raras. Assim, apesar de o manual *Cultura e Elegância* – apresentado por uma senhora da sociedade, promotora das artes e esposa de um industrial, e reunindo contribuições de proeminentes agentes do “*establishment* cultural” paulista, como professores das Universidades públicas de renome e críticos culturais dos maiores jornais – mapear “os melhores roteiros do chamado circuito *Elisabeth Arden*: New York, Paris, Londres e Roma”, já que, segundo prescreve, “para alguém tornar-se culto e elegante, é desejável que seja também uma pessoa cosmopolita e viajada” (MENDES CALDEIRA, 2005, p. 13), o fato é que 63,9% das classes D/E, 44% da classe C e 22,6% das classes A/B da cidade de São Paulo sequer foram à praia, entre abril de 2004 e abril de 2005 (BOTELHO; FIORI, 2005, p. 127).

Além de propagar a importância das viagens (“Existe um tipo de cultura que só se adquire viajando”), outro “guia do saber-viver” aconselha ainda que se viaje fora do período de alta temporada, o que exige, simultaneamente, a liberação das urgências materiais e da submissão ao calendário regular de trabalho. Apresentando-se ao alcance de todos, mas na verdade escrito por e para os grupos privilegiados, presumivelmente menos sujeitos aos ritmos coletivos homogeneizantes, o manual orienta para a busca deliberada da distância em relação aos outros: “[...] viaje fora de estação, procure, sobretudo, lugares que não estejam na moda. A Índia, por exemplo, só no ano 2015. Miami, nunca. Não se misture com hordas de turistas, ninguém pode apreciar uma obra de arte cercado por trezentas pessoas” (LEÃO, 2007a, p. 127).

Os deslocamentos raros e a evitação dos espaços densamente ocupados também fornecem o referencial de boa conduta em *Cultura e Elegância*, que indica “pequenos e preciosos lugares, todos fora dos grandes circuitos turísticos mundiais” (MENDES CALDEIRA, 2005, p. 13). O enaltecimento dos circuitos frequentados por poucos e que não violam o princípio da homogeneidade social é encenado ainda em um material de imprensa dedicado à prescrição de “um certo *script* para aproveitar o melhor que o mar tem a oferecer”, que lança os critérios que devem presidir a escolha de uma praia: “é fundamental que ela seja limpa, de preferência longe da muvuca” (BRISSAC, 2007, p. 4).

E essa valorização da mobilidade geográfica mais distintiva em um dado momento está longe de ser reconhecida apenas nos mercados, por assim dizer, “mundanos”, uma vez que estudos sobre a seletividade social dos deslocamentos territoriais estão a demonstrar que esses mecanismos de socialização internacional

contribuem para a ocupação de postos de poder. Anne-Catherine Wagner aponta que a extensão internacional do círculo de relações, as viagens e o conhecimento de línguas e culturas estrangeiras são práticas socialmente distintivas essenciais à formação das elites (WAGNER, 2007b). Em estudo subsequente, a autora afirma que se a mobilidade em si não é exclusiva das classes dominantes – posto que as migrações de massa dizem muito mais respeito às categorias populares – o mesmo não se pode dizer da capacidade de fazer desses deslocamentos um meio de acumular formas específicas de capital cultural e social. Assim é que a socióloga francesa sublinha que a mobilidade que é própria a esses grupos não é incompatível com algumas formas de enraizamento local e “a acumulação de recursos de autoctonia” (WAGNER, 2010, p. 89)⁵. Nesse momento em que se fala tanto em globalização, a autora lembra que a realidade das fronteiras foi quase sempre uma questão de classe:

O cosmopolitismo das classes altas lhes faz perceber como próximo aquilo que se passa muito longe delas. As competências linguísticas, o conhecimento de vários países, o hábito de viajar, a facilidade nas relações com estrangeiros definem formas específicas, internacionais, de capitais culturais e sociais (WAGNER, 2007a, p. 43)⁶.

Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot também insistiram que, “enquanto se continua a falar de globalização e de emergência de estilos de vida europeus, vale a pena lembrar que a alta sociedade pratica, há muitas gerações, trocas matrimoniais e relações em escala internacional” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 70)⁷.

O suposto de que as temporadas no exterior, as viagens longínquas e a mobilidade geográfica mais distintiva em um dado momento têm nas classes dominantes de uma sociedade seus portadores preferenciais também foi documentado nos estudos sobre as elites de São Paulo do primeiro quartel do século XX e suas (então raras) “sensibilidades cosmopolitas” (SCHPUN, 2011). Atestando que a riqueza é também um poder social sobre o espaço e reiterando, portanto, a própria hierarquização dos grupos em função da dimensão de seu espaço de referência, as entrevistas com membros das elites paulistanas contemporâneas também levantaram indícios corroborantes da importância da socialização internacional e das práticas culturais multiterritoriais na acumulação de formas específicas de

5 Em livre tradução.

6 Em livre tradução.

7 Em livre tradução.

capital cultural e social e, sobretudo no caso dos homens, na ocupação de postos de comando no âmbito das relações de produção.

Em vista disso – e mesmo ciente de que a mobilidade geográfica seja hoje menos exclusiva das categorias abastadas, seja dentro do Brasil, seja no exterior⁸ –, a análise que segue procurará dimensionar a proeminência e captar as especificidades desses deslocamentos no estilo de vida dos grupos em que a socialização cosmopolita continua a ser consideravelmente mais frequente e, também, mais determinante no posicionamento social.

AS PRÁTICAS CULTURAIS MULTITERRITORIAIS NAS ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS DAS ELITES PAULISTANAS

“Eu sou uma pessoa que viajou muito a vida toda e que visitou muita coisa”, assim descreveu suas práticas culturais uma historiadora da arquitetura, ex-diretora de museu, nascida na elite imigrante e mulher de um arquiteto de renome⁹. A enunciação de relatos de viagem, em resposta às questões sobre as preferências artísticas, revela as condições de possibilidade da disposição estética, bem como a acumulação de capital cultural internacional:

Eu gosto de tudo, eu vejo tudo quando eu vou para fora e mesmo em São Paulo eu vou em tudo quanto é exposição que tem. Eu não tenho, não é assim: “ai, não gosto deste tipo”, não, eu gosto de arte, arte é uma coisa que me mobiliza. Muito. Qualquer atividade artística, música, ópera, concertos, balé. Eu costumo viajar uma vez por ano para Nova Iorque e fico fazendo isso dez dias, já vou com tudo programado. Agora eu fui para Tóquio, para o Japão, toda aquela coisa de Kyoto, aqueles templos, quer dizer, arte, arquitetura, música, tudo eu gosto. Cinema, eu vou muito no (sic) cinema, eu vou no festival de cinema [...]. Quem trabalha num, quem dirige um museu oito anos, está recebendo todo o tipo de [...]. E eu viajava muito, quer dizer, era convidada pelo British Consul para ir para lá para Londres. Quando eles abriram os museus em 2000, eu fui passar uma semana lá vendo todas as aberturas, da *Tate*, da não sei o quê, então [...]

8 *O brasileiro nunca viajou tanto pelo Brasil*. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20121024-2.html>. Acesso em: 20/09/2014. Essa matéria do site do Ministério do Turismo, que divulga um estudo da demanda turística doméstica em 2012, afirma que “o número de viagens domésticas realizadas no Brasil saltou de 161 milhões, em 2007, para 191 milhões, em 2011”, e, também, que o “crescimento na movimentação internacional é ainda mais expressivo. Em 2007, apenas 2,7% das famílias haviam feito viagens internacionais. Na última edição, o percentual subiu para 4,3%, um salto de 57%”.

9 Entrevista realizada em 30/10/2008.

Representante do polo intelectual da coleção de casos constituída, essa informante que exprime com veemência a intensidade de seu comprometimento cultural esteve enredada no seguinte mecanismo distributivo: malgrado o fato de que seus avôs libaneses tenham sido mascates, seu avô materno se tornou um homem muito rico, e seu pai se formou médico na Universidade de São Paulo, especializando-se nos Estados Unidos, em companhia da família. Na volta dessa temporada no exterior, matriculou as filhas em uma das escolas internacionais de São Paulo, a americana Graded, situada no bairro do Morumbi desde 1961¹⁰. Exprimindo a manutenção das sensibilidades cosmopolitas e o prolongamento de um estilo de vida “sem fronteiras” já corrente, como visto, na geração de seus pais, a informante precisa que a celebrada casa moderna em que reside foi originalmente concebida por um arquiteto conhecido para a sua irmã mais velha, então uma jovem médica/psicanalista que passara a estudar e a viver em Paris, em um imóvel posteriormente remanejado pelo mesmo arquiteto.

Assim, e ainda que no conjunto dos informantes afortunados não seja exatamente pelo patrimônio financeiro que ela se distingue – integrando, antes, o polo da elite paulistana em que o capital cultural (e o capital simbólico a ele ligado) sobressai –, suas práticas culturais estão sempre associadas aos deslocamentos multiterritoriais vivenciados precocemente:

Pesquisadora: E você saberia dizer com quem e quando você foi ao museu pela primeira vez? Você lembra, assim, tem uma vaga ideia?

Informante: Acho que quando eu tinha quatorze, ah, não, quando eu tinha dez anos eu fui para a Europa com os meus pais e aí começamos, foi a primeira vez que eu comecei [...]. Eu me lembro do Museu do Prado, eu me lembro do Louvre também [...]. Meu pai era médico, era um homem mais inteligente, assim, então a gente fazia, lia para aprender, isso em mil e novecentos e lá vai pedra, quando que é, estou falando em 1959. Eu nasci em 1949, então, ia para a Europa e fazia, né, essas coisas, para aprender coisas, ia nos (sic) palácios, ia nos (sic) [...] *eu viajei muito a vida toda*. Meu marido é um viajante, então, a gente pegava o carro e fez assim Portugal inteiro, um mês, com a família, depois um outro mês, um outro julho, a Espanha inteira, depois a França inteira, a Alemanha inteira, a Itália inteira. Então, a Europa nós fizemos tudo, Estados Unidos também, viajamos

10 Para uma análise da constituição de um espaço de escolas internacionais em São Paulo, ao longo do século XX, e de sua valorização progressiva como opção de escolarização dos filhos de famílias de elite, consultar Cantuaria (2004).

mais de seis mil quilômetros dentro dos Estados Unidos vendo a arquitetura do Frank Lloyd, vendo, sabe? Sempre vendo arquitetura e associando com o país. O Canadá [...]. Depois, agora eu fui para o Japão, foi uma coisa diferente que eu fiz e que foi alucinante, foi a melhor viagem da minha vida. Líbano eu conheci, a Grécia, todas essas coisas. *Eu fui conhecendo, porque o meu pai também gostava de viajar, então desde os dez eu fiz muito isso.* E eu gosto, eu adoro viajar.

Pesquisadora: Você já fazia desde pequena.

Informante: Desde pequena. Fui para a Europa a primeira vez e para o Líbano, Síria e Jerusalém. Então, eu já conhecia tudo isso, e aí, foi sempre, eu fui sempre, porque faz parte também da educação do arquiteto, você vai lá para ver a obra, [...] quando as crianças eram pequenas o Brasil inteiro. Quando elas cresceram, a Europa inteira. *Eu sempre viajei com os meus filhos.*

Para além da familiaridade com outros países (e da decorrente facilidade de interação com pessoas de nacionalidades diversas), seu testemunho também confere a medida do papel desses mecanismos de socialização internacional, para aqueles que já ocupam uma posição privilegiada no país de origem, na constituição de um capital social cosmopolita:

Eu já saio daqui sabendo exatamente o que eu vou fazer, dia por dia. Eu nem tenho surpresa. Em geral, encontro pessoas, porque em geral tem pessoas nesses locais que eu conheço, que vieram para o Brasil porque procuram o [marido arquiteto reconhecido], não sei o quê, a gente acaba se relacionando e a gente faz mais coisas mais legais.

Seu relato de que o gosto pelas viagens lhe foi transmitido pelo pai e automaticamente prolongado na educação de suas filhas vai ao encontro dos estudos voltados ao papel das viagens nas práticas educativas das elites, que mostram como a transmissão de um “capital de mobilidade” exige que se eduquem os filhos segundo a ideia de que “[...] as mudanças de país de residência, as frequentes viagens e os deslocamentos são ‘normais’ no sentido durkheimiano: a mobilidade é normal por ser geral em seu grupo de pertença” (WAGNER, 2010, p. 91)¹¹.

11 Em livre tradução.

Essa visão de que é preciso criar os filhos de modo que eles se sintam e sejam cidadãos do mundo esteve presente também no discurso de uma psicanalista, herdeira e administradora de fazendas e proprietária de imóveis de veraneio no Brasil e no exterior. Tendo relatado nunca ter escutado um “não” do pai quando se tratasse de viagens, cultura e conhecimento, ela afirma ter dado continuidade a esse dispositivo pedagógico de transmitir aos filhos as oportunidades de socialização internacional e as práticas culturais multiterritoriais. Em seus relatos sobre sua atuação com as crianças, figura o episódio em que, tendo trazido uma reprodução de obras de arte do museu *Jeu de Paume*, em Paris, para cada um dos três filhos, presenteou-os, dizendo: “Meus filhos, [...] eu quero que um dos objetivos de vocês na vida seja seguir e encontrar esses quadros pelo mundo afora”. Se as análises sobre a seletividade social das aprendizagens culturais internacionais registram que “o hábito precoce das viagens e das temporadas no estrangeiro favorece inegavelmente a mobilidade posterior” (WAGNER, 2010, p. 92-93)¹², não é um acaso que hoje todos eles, que já tinham feito pós-graduação no exterior, tenham se mudado de vez para três países europeus: “[...] eu não esperava que os meus três filhos fossem morar fora, mas, como todo mundo diz, eu dei o caminho, né?”¹³.

Se de sua infância ela guarda algumas lembranças amargas em relação a uma suposta superioridade social das meninas das famílias quatrocentonas (em relação a ela, que descendia de um imigrante rico, autoconstruído), hoje ela não hesita em dizer: “Olha, eu tenho sessenta e três anos, é o que eu digo, o dia em que eu morrer eu quero que escrevam assim: ‘Aqui viveu alguém que viveu muito e muito bem’”. Encarnando as prescrições que emanam da crítica mundana enaltecedora dos que viajam somente com uma bolsinha pequena (LEÃO, 2007b, p. C4) – e que podem acumular as virtudes dos deslocamentos geográficos e a comodidade de sentir-se inteiramente em casa, a ponto de nem precisar de malas na localidade de destino –, ela confessa: “Felicidade para mim é você poder viajar com um cartão de crédito – agora um, não, dois – [...] uns dolarzinhos (sic) ou uns euros no bolso e uma malinha”. A decoração da casa e a escolha de peças invulgares dão a ver seu *habitus* cosmopolita e sua busca por exotismos: “Eu gosto de trazer coisas de um país para o outro. [...] Eu gosto de trazer cultura de um lugar para outro, sabe? Alguma coisa que ninguém conhece.” Proprietária de três fazendas em três regiões do Brasil, de duas casas no privilegiado Jardim Europa, em São Paulo, de outra, em uma praia bastante exclusiva no Nordeste, de outra, em uma

12 Em livre tradução.

13 Entrevista realizada em 03/11/2008.

seleta praia paulista, e de uma residência em frente ao mar, em um país escandinavo, essa informante para quem a pátria parece ser o mundo atesta como os diferentes grupos sociais não fazem o mesmo uso social das férias (RÉAU; COUSIN, 2009), e como para os jovens de famílias abastadas as viagens – mesmo em um momento em que elas ainda eram bem mais seletivas socialmente – constituem não apenas um modo de aprendizado de códigos socioculturais cosmopolitas, mas uma espécie de iniciação à vida adulta:

Olha, eu estudei no Santa Marcelina, que era um colégio de freiras, depois eu fui fazer faculdade no *Sedes Sapientiae*. Comecei a trabalhar com Psicologia, desde o segundo ano, porque eu adorava, depois me formei e fui fazer o Mestrado na França. Chegou lá, não era bem o que eu queria, mas eu fiquei fazendo vários cursos na... Independentes, fui frequentando os seminários de Lacan... Que eu não entendia nada, mas não tinha importância, era a intelectualidade na França nos anos 1972. [...] Mas, o que era bom, é porque eu conhecia a Françoise Dolto, que foi a primeira francesa que trabalhou com mãe e bebê, fiz supervisão com ela, eu frequentei um pouco algumas aulas da Sorbonne, de filosofia, daí eu fui para Vincennes, eu fazia umas aulas de integração corporal, de espontaneidade. Então, daí eu fiquei dois anos na França fazendo um pouco de tudo isso. Daí eu fui para a Inglaterra, que eu fui fazer um trabalho com uma... uma inglesa que trabalhava com pessoas mais velhas através de psicodrama. [...] eu fui para Paris aos dezessete, quase morri de... fiquei completamente... [...] Sabe, a gente ia ainda pela Panair do Brasil, naquele tempo, a gente viajava de salto alto, de luva e de bolsa. E daí foi assim que foi um pouco a minha formação, foi lá para fora. Quando eu voltei, eu não queria mais morar com os meus pais, porque eu já tinha vinte e seis anos. [...] Eu fiquei bastante tempo.

No caso dos informantes inseridos no polo, por assim dizer, “mundano”, como é o caso dos vinculados aos domínios da gastronomia e da decoração, depara-se, frequentemente, com trajetórias cujo sucesso não se deveu a um aprendizado escolar sistemático, mas, sobretudo, a uma frequência precoce e rotineira de pessoas, lugares e objetos cosmopolitas. Na reconstituição que um banqueteiro e empresário do ramo da alta gastronomia faz de seu percurso, está até mesmo implícita a ideia de que o hábito da sociabilidade internacional pode, muitas vezes, substituir um aprendizado estritamente escolar: as línguas francesa e inglesa ele aprendeu “na vida”, como conta, morando em Londres e em Paris, onde sua mãe tem um apartamento (e onde ele também é hoje proprietário de um apartamento).

Sua consagrada carreira de chef na alta gastronomia paulistana não teve nada de premeditado, ele não fora preparado “escolarmente” para isso. Tendo feito Elvira Brandão, Rio Branco, Santa Cruz e Mackenzie – onde não terminou o curso de Administração –, iniciou sua vida profissional no mundo dos capitais, atuando na bolsa de valores e trabalhando em bancos. A reconversão profissional (de investidor financeiro a produtor no âmbito da alta gastronomia) foi entremeada por temporadas no exterior: “[...] Fui para Londres. Depois eu voltei, voltei no mercado. [...] Trabalhei no Auxiliar, Comind, Mercantil. [...] Mas depois parei de gostar, comecei a achar chato e não sei o quê. Daí eu fui viajar de novo”¹⁴. Ele que mora, há trinta anos, em uma cobertura duplex no exclusivo bairro dos Jardins (cujo prédio foi construído por sua avó, com dinheiro da posse de fazendas) pôde, nos momentos de hesitação profissional, fazer das temporadas no estrangeiro um período de aprendizado de competências que lhe seriam úteis para assumir, posteriormente, posições de destaque no Brasil. Nesse trajeto, o papel das “recomendações” não foi sem importância, já que garantiu a circulação internacional da consideração social, que é necessária à melhor rentabilização da mobilidade geográfica. Se, como apontam os estudos sobre a mobilidade, a viagem sempre “é facilitada materialmente por cartas de apresentação de amigos ou familiares” (PATTIEU, 2007, p. 112)¹⁵, é digno de nota que seu irmão já havia prestado serviço para a família na qual ele mesmo viria em seguida trabalhar, família esta bastante bem posicionada na sociedade francesa¹⁶. Nessa temporada parisiense, determinante em seu processo de reconversão, ele se empregou como cozinheiro de duas senhoras francesas, que o viam como um “aristocrata rebelde” que largara tudo, o emprego na Bolsa de Valores, “muito distinto” e “bem-apeadoado [...] de uma família tradicional [...], fazendeiros [...]. E muito bem educado, também”. Sua inserção bem-sucedida em Paris exprime como a notoriedade nacional da família de origem pode, de alguma forma, ser convertida em poder social que garante a boa acolhida no país estrangeiro: “Um aristocrata rebelde! Me lembra Yves Montand em *Let’s make love...* Fazendo-se passar por pobre para conquistar Marilyn Monroe... Quem nosso playboy brasileiro tentará conquistar?”. O modo como ele próprio descreve sua reconversão profissional “nada premeditada” dá a medida de como seu pertencimento social e familiar no Brasil assegurou-lhe o melhor aproveita-

14 Entrevista realizada em 26/03/2009.

15 Em livre tradução.

16 Trata-se de uma grande família francesa cujo marido, médico e homem político francês, era neto de Louis Pasteur. Ele participou da Resistência contra a ocupação alemã e atuou como defensor da Argélia francesa.

mento dessa socialização internacional, preparando-o para se tornar proprietário de restaurantes e bufês, na cidade de São Paulo, e também para adquirir, tal como havia feito sua mãe anteriormente, uma residência secundária em Paris:

No fim de 1980, criei coragem, me (sic) demiti, vendi o carro, juntei uns caraminguás e fui para Paris. Estava saturado do trabalho na Bolsa de Valores e incerto sobre o rumo a tomar. Logo que cheguei, herdei do Zé, meu irmão, um emprego chez Madame Vallery-Radot e sua filha Nicole, na *Place de Mexico*. O trabalho era simples, tipo preparar o almoço e deixar uma sopa pronta para o jantar. Ir ao mercado fazia parte das minhas tarefas, e eu adorava ver a enorme variedade de queijos, frutas, legumes. Elas gostavam da minha comida, gostavam do pudim de macarrão e dos pratos gratinados. Nos fins de semana, sempre tinha amigos para almoçar no meu microapartamento na *Rue Dupleix*. Como meu orçamento era limitado, só ia aos bons restaurantes quando algum tio ou amigo abastado passava por Paris. [...] Um ano depois, de volta a São Paulo, aproveitei o “espírito natalino” para começar a fazer patês¹⁷.

De modo parecido, um pianista e compositor (herdeiro de um industrial) muito bem-sucedido que abriu mão da carreira iniciada no curso de administração de empresas da Fundação Getúlio Vargas para estudar música contemporânea nos Estados Unidos vê nessa temporada no exterior um aprendizado quase tão importante quanto os cursos que frequentou formalmente: “E por causa da história do jazz, né? [...] Eu tinha essa fixação pela música americana, pela cultura americana, aquele negócio todo. Então, o inglês ajudava, né? [...] Eu fui para os Estados Unidos em sessenta e nove. [...] Na escola eu fiquei três semestres e nos Estados Unidos eu fiquei três anos”¹⁸. Tendo iniciado sua formação musical com um preceptor europeu, ele parte para Boston como o primeiro aluno brasileiro a cursar a primeira escola dedicada à música popular: “Eu fui o primeiro brasileiro lá”. O próprio preceptor teria sido o primeiro mestre de música popular de São Paulo que, por ter lhe ensinado piano, leitura e acordes próprios à música popular americana, preparou-o para integrar – já aos quatorze anos - um grupo de jazz tradicional: “Eu sabia todas as músicas, conseguia tocar tudo nos tons e me enquadrava nesse estilo

¹⁷ Na ocasião, sua primeira clientela foram senhoras da alta sociedade paulistana, por meio de sua mãe e, pouco depois, o Empório Santa Luzia, especializado em importados e produtos finos da gastronomia e localizado no mesmo bairro em que ele e sua família residem, o Jardins. Não se pode fornecer a referência desse livro em sua homenagem, para preservar o anonimato a ele garantido.

¹⁸ Entrevista realizada em 04/03/2009.

que os caras tocavam. Então, acho que foi isso tudo que me levou para ser... para a carreira, para ser músico mesmo, me dedicar à arte”.

As viagens como modo de aprendizado de códigos sociais cosmopolitas e preparação à vida adulta emergiu também no relato de um investidor financeiro, presidente de honra de uma creche da qual é mantenedor e neto das fundadoras do Hospital Sírio-Libanês, o qual tem como parte de sua renda os valores que recebe da locação de imóveis na Avenida Paulista, área em que tiveram residências seus avós. Em seu testemunho é evidente a representação de que, quando se é herdeiro, a importância de uma educação escolar convencional e sistemática pode ser nuançada face às obrigatórias viagens de aprendizagem cultural no estrangeiro. Ainda que, na infância, impulsionado pelos pais, ele tenha cursado os colégios clássicos da elite paulistana do século XX, o momento da Faculdade se sobrepõe ao período da vida em que começa a experimentar o mundo na condição de herdeiro, na qual a grande formação cultural pode também ser aquela que se adquire viajando, conhecendo o mundo, aprendendo línguas via *natural approach*. Assim é que, nos momentos em que a entrevista trata das viagens, o informante não tem dificuldades em exprimir a naturalidade com que experimenta as interações com povos e lugares estrangeiros: “Eu já sei quais são os lugares que eu gosto, já sei quais são os hotéis que eu gosto, já sei quais são os restaurantes que eu gosto e já sei o que é que eu vou comer em cada um deles. Entendeu?”¹⁹. No caso desse entrevistado, a adesão a um estilo de vida “sem fronteiras” é ainda mais significativa na fase posterior ao período de formação, pois, mesmo estando à frente de negócios localizados no Brasil, foi casado com uma francesa e viveu em Paris, no aristocrático bairro de *Neuilly*, por vinte anos: “Meus negócios estão no Brasil. A conta de telefone era desse tamanho!”.

Para além da visão de que a verdadeira formação cultural é aquela que se adquire viajando, o relato de seus anos de escolarização também revela que as temporadas no exterior são frequentemente ocasiões em que se desenvolverão as competências profissionais que serão úteis nos negócios que será chamado a capitanear no Brasil:

Pesquisador: Bom, então, eu queria começar perguntando, assim, qual foi a sua formação, o que é que você estudou, se você aprendeu alguma língua estrangeira...

¹⁹ Entrevista realizada em 10/03/2009.

Informante: Bom, eu fui para colégios muito rígidos. [...] E fiz até o primeiro grau aqui no Elvira Brandão, que era um colégio muito, muito rígido, um colégio católico, muito rígido, que foi o mais rígido que eu já tive. Depois, fui para o Mackenzie, quando eu fiz o segundo grau, e comecei a fazer economia. Daí eu fui morar na Inglaterra.

Pesquisador: Depois da Graduação?

Informante: Não, antes de terminar a Graduação.

Pesquisador: Depois do colegial.

Informante: É. Daí, da Inglaterra eu fui para a Irlanda do Norte, direto, tinha dezessete anos. Fui aprender a falar o inglês, que eu cheguei lá eu já tinha uma noção.

Pesquisador: Do colégio?

Informante: Do colégio e...

Pesquisador: do Mackenzie?

Informante: Do Mackenzie e também de uma prima, que era a minha professora particular. Porque ela era de Cambridge e me deu as primeiras... Mas eu cheguei na Irlanda do Norte e não entendia nada, porque o inglês que eles falam lá é um negócio um pouco complicado. Muito bom. Depois de oito meses... Eu estava estudando equipamento industrial, então, indústria que nós estávamos, a família estava comprando, na época. E daí eu guardei dinheiro, porque eu tinha dinheiro para ficar num hotel, fiquei numa casa de família, depois de oito meses, você já viu que eu tinha um caixa importante. E daí eu fui, e daí eu fui conhecer o mundo.

Pesquisador: Você já tinha feito Economia?

Informante: Não. [...] Economia, depois eu fui fazendo cursos de Economia, curso um aqui e outro ali.

A organização da vida e da carreira em escala internacional, a utilidade social da maior mobilidade geográfica e o próprio desenvolvimento de competências sociais que serão úteis nas funções a serem exercidas no retorno ao Brasil estiveram presentes na trajetória de um banqueiro e filantropo advindo, do lado materno, das famílias antigas brasileiras e, do lado paterno, da elite imigrante. Nascido nos anos 1930, ele, que já havia trabalhado em um tradicional escritório de advocacia de São Paulo, antes de terminar o curso de Direito na Universidade de São Paulo, partiu para a Europa, a fim de especializar-se em Direito Internacional Privado. No final dessa temporada de estudos na Alemanha, foi chamado a reintegrar-se à referida empresa: “o escritório em que eu já havia trabalhado aqui em São Paulo, que é o escritório Pinheiro Neto, me (sic) convidou para voltar para trabalhar com ele. [...] Mas antes me pediam que fizesse um estágio em escritórios de advocacia alemães, o que eu fiz em Munique”²⁰. Bastante dependente de recursos altamente seletivos socialmente, essa mobilidade que é mais específica das elites, cujos membros, não raro, preparam-se para capitanear negócios que adquirem dimensões internacionais, ficou visível também nos estágios de formação de um ex-presidente e alto executivo de uma das maiores construtoras do país, de propriedade familiar, cuja atuação se estende a mais de vinte países: “O Bankers Trust me contratou, e eu fui um dos primeiros brasileiros a ir para os Estados Unidos, fiquei oito meses em Nova Iorque. [...] fui muito bem no Bankers e fiz uma carreira muito bonita lá”.²¹

A familiarização precoce com os países estrangeiros e o hábito de conviver com pessoas de nacionalidades diferentes fazem parte das práticas educativas que preservam e reproduzem a propensão aos deslocamentos multiterritoriais, que é mais frequente entre os homens de posse, com seus dispositivos de socialização internacional que levam à constituição de um capital social cosmopolita. O modo como uma embaixatriz (filha, neta e esposa de embaixadores e crítica de decoração de um grande jornal) se refere aos membros de sua família sugere que essa aprendizagem internacional pode até dispensar um ensino formal:

Pesquisador: Então, você foi a primeira geração [de mulheres da família a ter uma profissão]?

Informante: É, eu e a minha irmã estudamos... Mas, sei lá, também tenho uma tia que casou com diplomata, tem vários filhos fantásticos. C.L.B, por exemplo,

20 Entrevista realizada em 11/03/2009.

21 Entrevista realizada em 17/03/2009.

é meu primo irmão, é filho de uma irmã da minha mãe. Você conhece o C.L.B? [...] Acabou de lançar esse livro que está nos jornais [...]. Ele tem a [editora] hoje, mas ele é um dos grandes colecionadores de autógrafos e de coisas, ele é agitadoíssimo aí. Ele tem um irmão maravilhoso que mora em Brasília, que é casado com uma francesa maravilhosa também. Enfim. Aí esse meu primo é um arquiteto nato, mas é diplomata, tem uma casa deslumbrante [...]. Mas superinternacional, o C. também; todo mundo viaja, todo mundo conhece todo o mundo lá fora, então, sabe?²²

AS VIAGENS MAIS DISCRIMINANTES SOCIALMENTE E A DENÚNCIA DO TURISMO DE MASSA

Se até o momento apontou-se o papel das temporadas no exterior nas práticas educativas e na consolidação do futuro posicionamento social de membros da elite de São Paulo, não se pode perder de vista que, mesmo no âmbito das viagens puramente turísticas, as práticas dos entrevistados se distinguem dos deslocamentos geográficos considerados ordinários em uma sociedade como a brasileira. Quando discute o papel das temporadas no estrangeiro nas estratégias educacionais das classes superiores e, portanto, na preparação para a ocupação de postos de poder reconhecidos, Anne-Catherine Wagner identifica a valorização de recursos culturais internacionais (como o conhecimento de línguas estrangeiras, a abertura em relação a outras culturas e a propensão à mobilidade), mas, ao mesmo tempo, não deixa de sublinhar: “A mobilidade só é distintiva porque se situa num conjunto mais vasto de dispositivos de socialização internacional, produzindo modos de *savoir-faire* e de *savoir-être* socialmente discriminantes” (WAGNER, 2010, p. 91)²³. E a presença dessa dimensão internacional na orientação mais geral do conjunto do estilo de vida não deixa de ser documentada, no âmbito do conjunto dos entrevistados, nas recorrentes referências aos passeios pelo mundo como pretexto para que toda a família se encontre:

Nós, a cada dois anos, vamos para um lugar no exterior e convidamos toda a família. [...] Os cônjuges, os netos e tal. [...] a primeira vez começou com alugarmos um barco lá no Egeu. [...] Depois fomos para a Toscana, [...] no inverno para a

22 Entrevista realizada em 22/09/2009.

23 Em livre tradução.

Provence. [...] Depois fomos para Portugal. [...] Todo mundo vai, quer dizer, tem a viagem paga e a estadia de graça (banqueiro, filantropo e promotor das artes)²⁴.

A primazia das experiências mais raras e dos espaços mais protegidos se manifesta no testemunho de um alto executivo de uma imensa construtora brasileira (comprometido com a benemerência social e o patrocínio cultural). Proprietário de barcos com os quais explora os altos mares, ele revela nem parar mais nas praias: “É, no barco eu não paro mais na praia. Eu faço projetos sociais, eu tenho barco que salva, eu tenho aí diversos salvamentos [...]. Preservação das comunidades pesqueiras... Eu mergulho com os pescadores, brigo com os pescadores”. E se representa como desbravador de lugares inatingíveis, como quando evoca suas caminhadas pelos picos dos Alpes que fazem a fronteira entre a Suíça e a Itália, ou seus voos particulares pela França: “Eu fui caçar no polo norte com dois esquimós. [...] Mas a caça me traz... Eu fui para lugares espetaculares que eu nunca podia imaginar que eu ia atingir [...] Alaska, África, Áustria... Eu fui caçar na reserva que era do Hitler, lá há uns cinco anos atrás (sic)”. A primazia dos espaços virgens, que em tudo se opõem aos locais de veraneio densamente ocupados, compõe também o relato de uma dona de casa, esposa de um industrial: “Eu já viajei muito com meu marido, lugares assim absurdos, que você nem acredita [...]. Fazer churrasco no polo norte, assim...”²⁵.

O primado das práticas mais raras despontou no relato de uma artista plástica, publicitária e herdeira de um grande publicitário brasileiro – cuja família possui residências secundárias em dois países europeus e casa de veraneio no Brasil, celebrada pela crítica de arquitetura –, quando evocou o show de Bob Marley, em Paris, e o do The Police, em São Francisco, como espetáculos que marcaram sua juventude. Se os gêneros rock e reggae são pouco discriminantes socialmente, a ida a shows no estrangeiro, nos anos 1980, posiciona esse “gosto” no conjunto das práticas culturais multiterritoriais mais exclusivas. A exploração dos circuitos menos comuns orientou também os deslocamentos de um colecionador e médico proprietário de clínica, que, no momento da entrevista, acabava de levar seu filho de sete anos para andar de submarino em Aruba (“então, ele entrou num submarino e foi para cento e quarenta pés”). A preferência pelos itinerários menos ordinários também já se fez presente na escolha da viagem seguinte: ao invés da Disneyworld,

24 As entrevistas já citadas não serão novamente acompanhadas de nota de rodapé com a data de sua realização.

25 Entrevista realizada em 26/03/2009.

“a próxima viagem vai ser para a Índia numa casa de uma amiga em Goa [...]. A gente vai para a Índia para ele andar de elefante”²⁶.

Se a mobilidade nunca foi exclusiva das elites, mesmo em períodos históricos considerados presos ao imobilismo e ao enraizamento no território (Pattieu, 2007), esta análise do estilo de vida de membros das classes superiores de São Paulo colheu vários indícios de que a proeminência das viagens continua a corresponder às aspirações de cosmopolitismo e à valorização dos deslocamentos geográficos-mais raros em um dado momento:

Quando eu fiz quarenta anos, eu podia escolher um colar de pérolas maravilhoso, pérolas barrocas, assim, desse tamanho, eu preferi um mês de Japão. Ficamos três semanas no Japão, quando eu fiz quarenta anos, e fomos para, também, enfim, fomos para a China... Também no outro ano eu preferi viajar. [...] A China, meu Deus do céu, tinha um avião em Pequim, fora o nosso. Só. Cada um levou a sua mala... Não faz tanto tempo, são só trinta e oito anos atrás, meu Deus do céu! (colecionadora de arte, psicanalista e ex-esposa de industrial)²⁷.

Descrita por seu marido, um conhecido economista e ex-ministro do Brasil, como uma mulher muito cultivada, que o arrasta por diferentes países com o intuito primordial de visitar determinados museus (“Já fomos até uma vez à Holanda só para ver um museu. [...] Nós fomos agora, nós fomos agora à França, a Cannes, região de Cannes, só para... O interesse principal da minha mulher [...] era ver a igreja, a capela do Matisse”²⁸), outra psicanalista e proprietária de uma residência secundária em Paris exprime um relato que deixa visível a programação frequente de práticas culturais em escala internacional:

Costumo ir às exposições aqui em São Paulo e também procuro me manter informada de exposições em Paris, Nova Iorque, Londres e ir quando possível. Por exemplo, no mês de abril estará havendo uma grande exposição da Mira Schendel, no MOMA, em Nova Iorque. Como estarei na primeira semana de abril em Nova Iorque, tenho intenção de ir. Faço isto há muitos anos. Nos anos 70, vi no MOMA, em Nova Iorque, uma grande exposição de Picasso. Este ano vi a exposição de Picasso no Grand Palais [em Paris]. Acho que é uma sorte poder ter estas experi-

26 Entrevista realizada em 26/09/2008.

27 Entrevista realizada em 29/04/2009.

28 Entrevista realizada em 03/01/2009.

ências. Há muitos anos atrás (sic), na década de 80, vi uma imensa exposição de Chagall, em Londres. No ano passado fomos a Nice e fomos ao Museu Chagall²⁹.

Além da valorização do aprendizado de códigos socioculturais cosmopolitas, a denúncia do turismo de massa também foi um preceito mundano identificado nas declarações (sobre estilo de vida) emitidas pela classe alta investigada. Proprietária de várias casas de veraneio, sendo uma delas em Trancoso, na Bahia, do tempo em que o vilarejo ainda não era conhecido, uma entrevistada se lastima: “[...] Trancoso era uma maravilha. Era uma coisa... tinha alguns poucos ricos [...] e o gostoso era você conviver com as pessoas do local. Hoje em dia você vai para Trancoso não tem diferença de Laranjeiras”. O lamento dessa residente do Jardim Europa é análogo ao relato nostálgico de uma senhora francesa acerca da deserção da ilha caribenha de Saint-Barthélemy, por parte de figuras importantes, supostamente em razão de esse destino de vilegiatura, outrora “autêntico”, ter se tornado “um produto de massa”:

Era apenas quatro horas de avião, era um pouco como uma casa de campo. Conheci Edmond de Rothschild, David Rockefeller (que lançou Saint-Barth) e vários outros que, desde então, partiram. Isso porque Saint-Barth se tornou um produto de massa. À época nós desfrutávamos de lindas praias com os amigos. Os transportes na ilha se faziam através de burros. O que eu e o meu marido mais apreciávamos no mundo era a autenticidade. Os primórdios de Saint-Barth, nos anos sessenta, era a busca de calma, de solidão e de inocência (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2007, p. 151-152)³⁰.

O senso de posicionamento que leva a abandonar práticas e lugares desvalorizados porque tornados acessíveis a grupos até então excluídos de tais experiências aparece na fala de um banqueiro residente no Jardim Europa, que declarou ter se tornado sócio do MOMA e do Metropolitan, em Nova York, para poder dispor de uma noite em que as exposições se abrem exclusivamente aos sócios, que ficam, assim, liberados das visitas com as multidões. Tal como a francesa que afirmou que a viagem a Saint-Barthélemy deixou de ser autêntica depois que a ilha foi descoberta pelas massas, esse informante julgou que, no momento em que as multidões invadiram as exposições, perdeu-se a experiência genuína com as obras de arte

29 Entrevista respondida por escrito e recebida em 16/03/2009.

30 Em livre tradução.

(“As pessoas estão indo lá para dizer ‘eu fui’”³¹). E é em nome da preservação da fruição cultural mais autêntica que se deve orientar a novos circuitos frequentados por poucos:

Hoje não dá para ver muita exposição também. Em Nova Iorque, em lugar nenhum, você não vê, você é arrastado por uma multidão de pessoas. Agora estou vendo no New Yorker que tem uma nova, eu não vi, não dá para você ver, é impossível você ver. Você fica embodegado, cansado, empurrado [...]. Então também não tem como ver. E as pessoas estão indo lá para dizer ‘eu fui’ [...]. Agora se você falar tem lugares menores, você vai no museu de Edimburgo, tem algumas coisas maravilhosas e você vê *à l’aise* [...]. Tem uma sala no museu de Edimburgo que é um octógono. Um dos lados é a entrada para a sala. Tem sete paredes. Você pode ficar lá três horas vendo [...]. Então – sabe? –, você pega um museu assim. Museus provinciais, às vezes, são muito mais gostosos. [...] Agora a última vez que eu fui no (sic) MOMA, em New York [...] eu fui um dia lá, bem na hora do almoço, chovia, eu fui para isso, para ver a exposição. A quantidade de pessoas em todos os andares! Você não conseguia ver as coisas. Era quantidade de pessoas [...]. Então o que acontece hoje, para dizer um pouco – por acaso eu sou sócio do MOMA e do Metropolitan – [...] os sócios têm uma noite especial, um dia especial. Depois eu, no fim das contas, você até quer ser sócio para isso³².

A busca por distância em relação aos outros e a evitação dos espaços densamente ocupados também foram visíveis na narrativa de uma restauradora de obras de arte que, a propósito de seu bairro de residência – o muito privilegiado Jardim América –, avaliou: “É maravilhoso, é tudo de bom [...] aqui você está perto de tudo [...] *e longe de todos*”³³. Tendo feito parte da 2ª à 11ª Casa Cor, ela deixou de participar dessa mostra de arquitetura, decoração e paisagismo porque “agora virou uma feira, a Casa Cor. Mas naquela época nós conhecemos os grandes decoradores de São Paulo, porque a Casa Cor era uma mansão vazia [...] que cada um fazia um ambiente, e só os grandes, né?”. A resistência a atividades menos seletivas socialmente também aparece nas observações dos leilões de arte frequentados:

31 Entrevista realizada em 14/10/2008.

32 “[...] todas as intolerâncias – ao ruído, aos contatos, etc. – inculcadas por uma educação burguesa são suficientes, quase sempre, para determinar as mudanças de terreno ou de objeto que, tanto no trabalho como no lazer, orientam para os objetos, lugares e práticas mais raros em determinado momento” (BOURDIEU, 2008, p. 233).

33 Entrevista realizada em 16/08/2008.

Olha os leilões que eu mais tenho ido ultimamente, que eu mais tenho gostado são os do James Lisboa, até chegou um catálogo hoje para mim, já vi que dia dez de novembro vai ter. Esse cara, o James Lisboa, consegue um acervo bárbaro. É muita coisa boa e é um leilão bem bacana, porque tem muito leilão mixuruca por aí, né? De lance livre, que eles chamam, então são obras de pequeno valor e que os caras acabam comprando por cinquenta reais, cem reais [...]. Tem bastante leilão de lance livre aí, *Tableau* que chama normalmente quem faz. Agora os que eu... Esses do James Lisboa são muito bons, do Aloísio Cravo; o Aloísio Cravo faz um por ano, mas ele também junta obras bárbaras. E coisas até internacionais, artistas internacionais.

Herdeiro de uma família de políticos e banqueiros, um músico, escritor e patrocinador cultural aprova os lugares em que seus pais construíram casas de veraneio, por serem “bonitos, saudáveis, *sem superlotação*”³⁴. Para uma artista plástica (herdeira de renomado publicitário), o fator “ter pouca gente” é determinante na escolha de um destino de veraneio. Em um estudo de Luc Boltanski, a denúncia do turismo de massa exprime, com frequência,

[...] o ressentimento dos membros das classes superiores constrangidos a mudar seu período de férias (eles são os menos propensos a tirar férias durante o mês de agosto, 2-3), num contexto em que o controle sobre o tempo permite muito frequentemente compensar a perda relativa do controle sobre o espaço, e renovar seus lugares de vilegiatura para escapar ao contato poluente com as outras classes, ao preço de viagens mais e mais longínquas e mais e mais custosas (BOLTANSKI, 1976, p. 107)³⁵.

Nessa mesma linha de juízo, mostrou-se, no início deste artigo, como os guias de estilo de vida contemporâneos recomendam viajar para os circuitos mais raros e inexplorados e, também, fora do período de temporada. As entrevistas com frações da classe alta de São Paulo mostraram que, sendo esses estratos, de fato, menos sujeitos aos ritmos coletivos e ao calendário regular de trabalho, eles seriam, por isso mesmo, presumivelmente os mais aptos a reverenciarem essa referida codificação das normas de viagem: “Para mim é diferente porque eu não tenho férias, né? Cada dois meses eu tiro dez dias e viajo. Não é que eu tenho

34 Entrevista respondida por escrito e recebida em 17/03/2009.

35 Em livre tradução.

férias, assim, uma vez por ano” (chef e proprietário no ramo da alta gastronomia). “Eu estou sempre em férias. [...] Não, eu não tenho, quer dizer, esse negócio de férias para mim não faz muito sentido” (economista e ex-ministro). “Férias para mim é a minha vida do dia a dia. Ou seja, eu vivo de férias e eu vivo trabalhando” (investidor financeiro). Um colecionador de arte e médico proprietário de clínica disse gostar de ir a exposições quando elas estão vazias: “[...] eu não vou mais a vernissage porque dá trabalho. E eu gosto de ficar, de ir num horário... Como eu não trabalho³⁶, então eu tenho horários, eu não preciso...”. Sua disponibilidade de tempo permite efetivamente compensar a perda do controle do espaço para as multidões: “Sozinho. E sem ninguém do lado, às três da tarde, às duas da tarde, quatro da tarde”.

Para uma psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um importante industrial – cuja decoração da casa é tributária de um rotineiro e antigo trânsito internacional (os móveis e lustres foram comprados em Portugal; os tapetes, na Turquia, etc.) –, viajar é o passatempo número um, realizado com os seguintes destinos e frequências ao longo de um ano: uma praia no Brasil ou no Caribe; uma estação de esqui no Colorado, onde toda a família aluga uma casa e se encontra em janeiro para a prática desse esporte de inverno; a Europa em julho; Nova York entre outubro e novembro, para o auge das temporadas de óperas e de concertos; e, por fim, uma vez por ano um lugar no estrangeiro que ainda não conhece. No momento da entrevista, estava lendo um livro sobre a Índia, pois para lá viajaria em breve só com as amigas, em uma excursão montada por ela própria e da qual participariam apenas pessoas que já se conhecem: “Não é que eu vou com qualquer uma, *vou com as pessoas que eu conheço*”³⁷.

Tais informações vão ao encontro das análises empreendidas por Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, para os quais a multiterritorialidade foi e continua a ser uma característica recorrente das famílias da grande burguesia, mas sempre em espaços em que a homogeneidade social é assegurada (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2004). Diferentemente dos (minoritários) informantes recém-enriquecidos que opinaram que as viagens em excursão permitem evitar inconvenientes, os que foram mais precocemente expostos a algum tipo de socialização cosmopolita não avaliam bem as viagens coletivas, a menos que seja com um grupo de amigos

36 Ele hoje vive da renda advinda de uma próspera clínica médica e, sobretudo, da atuação no mercado de arte.

37 Foi feita uma entrevista exploratória com essa informante em 19/5/2007, antes de dar início ao trabalho de campo, e depois foi feita outra em 12/09/2008, no período em que todas as outras entrevistas foram realizadas.

para lugares “exóticos” (Caxemira, Tailândia, Laos, um deserto no Japão). Sobre as distintivas viagens longínquas, um componente essencial do estilo de vida de um chef e proprietário bem estabelecido na cena gastronômica paulistana é a assiduidade de seus deslocamentos multiterritoriais, sem restrição de tempo ou dinheiro, sugestionada, de algum modo, pela frequência precoce de países e culturas estrangeiros e, também, pelo desfrute rotineiro de residências de veraneio:

Pesquisador: E quais são os destinos certos?

Informante: Paris sempre [...]. E às vezes, uma vez por ano, a gente faz uma viagem, eu fui para a Ásia umas três, quatro vezes, Egito, com um grupo de amigos que sempre viajam juntos.

Pesquisador: Para algum lugar, assim, diferente que vocês não conhecem.

Informante: É.

Pesquisador: Mais Europa, assim, e algum lugar diferente.

Informante: Europa nós fizemos assim, agora por isso que eu falei, vamos fazer uma coisa que a gente não conhece aqui, porque a gente vai sempre para bem longe, fizemos Índia, daí duas vezes Tailândia, Camboja. Depois outra vez Tailândia, Vietnã, Laos, então... uma vez Egito... E agora esse ano eu não sei, queria ver uma coisa que eu vi lá dos... aqueles países do Leste lá, sabe? [...] Polônia, dizem que tem umas coisas bonitas [...]. Na Hungria eu estive quando era moleque, gostaria de ir de novo.

AS PRÁTICAS ESPORTIVAS EVOCADORAS DAS CLASSES SUPERIORES

Mas não são apenas as viagens longínquas, em espaços em que a homogeneidade social é assegurada, que contribuem para que os membros do grupo social estudado se preservem eficazmente dos espaços densamente ocupados. Isso porque eles se distanciam dos estilos de vida e dos usos corporais mais ordinários também no que se refere às suas práticas esportivas, como não nega o fato de que essas viagens são, para vários deles, ocasiões de se praticar, em família, o esqui na neve. Se forem considerados os efeitos de distinção associados ao valor distribucional de cada esporte, pode-se dizer que a ida anual ou semestral às estações de esqui

da Europa ou dos Estados Unidos, cujos benefícios honoríficos são, ao menos no Brasil, no mínimo tão importantes quanto suas recompensas físicas, testemunha o compromisso desses indivíduos com práticas automaticamente associadas às classes altas.

Tanto assim que, no caso dos poucos ricos de primeira geração, tais deslocamentos parecem funcionar como investimento em um símbolo certo de pertencimento à burguesia. Depois de casada com um homem que fez fortuna como industrial, uma dona de casa de origem humilde, por exemplo, empenhou-se com afinco na programação de muitas viagens pelo mundo e para que os quatro filhos – que estudaram no Madre Alix, no Des Oiseaux e no Palmares – aprendessem a esquiar bem – durante dez anos, a família inteira esquiou anualmente – e fossem morar nos países cujas línguas estudaram (inglês, francês e alemão).

E, se se quisesse levar ainda mais longe essa tentativa de dimensionar a proeminência e captar as especificidades dessas práticas raras no estilo de vida de grupos em que a socialização cosmopolita continua sendo mais corrente, a referência a um esporte comum não basta, como seu valor distribucional também não dá conta de toda a percepção que se pode ter a seu respeito. Isso porque é preciso saber distinguir, nos “índices de frequência”, quais foram aqueles que praticaram esqui ou mesmo tênis, por exemplo, desde a infância, e os que tiveram acesso a tais esportes na idade adulta. Ora, considerando tal critério, não é preciso nem evocar o esqui na neve para ver emergir distinções (e desigualdades): pode-se ficar com o tênis, hoje tido como um esporte cuja dispersão social teria se tornado mais heterogênea. Considerando o caso de um banqueiro que nasceu em 1935 e jogou tênis desde pequeno, será possível ver que, para além da modalidade esportiva “em si”, a antiguidade de sua prática introduz novos elementos à análise do acesso diferencial a cada esporte e, assim, à apreciação de suas vantagens, tanto imediatas quanto deferidas. Em vista de sua idade, pode-se dizer que a prática do tênis já na infância atesta a antiguidade de seu pertencimento às frações dominantes. O mesmo se diz da entrada em alguns clubes seletivos socialmente: ser sócio do Harmonia e do Paulistano “desde moleque”, como é o caso de um empresário de grande construtora, é uma experiência em tudo diferente da compra de um título do clube Pinheiros aos 50 anos de idade, caso de um colecionador de arte e médico proprietário de clínica, herdeiro de um médico proprietário de hospital filho de imigrantes pobres.

Além do esqui na neve, também aparecem nas narrativas sobre as práticas esportivas dos entrevistados o esqui na água, o pilates, a esteira, a caminhada, o tênis, a corrida, o surf, a natação e a equitação; esta última tida por Gilberto Freyre

como “arte, dentro das tradições européias de cultura, eminentemente aristocrática, associada de modo ostensivo à classe superior” (FREYRE, 1981, p. 484). Junto com a caça e o esqui, o iatismo também desponta como esporte apreciado pelo gosto dominante, cedendo lugar ao combate imemorial contra a natureza, “em vez das lutas entre homens, de homem a homem, dos esportes populares – sem falar das competições, incompatíveis com uma elevada idéia da pessoa” (BOURDIEU, 2008, p. 204). Por fim, a grande maioria dos informantes (25/30) declarou investir nos esportes individuais ou que são feitos com parceiros escolhidos (“professora [de ginástica que vem em casa] que está comigo há vinte e cinco, mais de vinte e cinco anos”; “Eu corro 10 km todo dia [...], que é a hora que eu penso. Sozinho. E sem ninguém do lado, às três da tarde, às duas da tarde”; “Eu tenho uma raia de 12,5 m, compridinha, assim, e aquecida [...]. Todo dia eu nado”).

OS IMÓVEIS DE VERANEIO: MULTITERRITORIALIDADE “EM CASA” E INTEGRAÇÃO DA PARENTELA

Finalmente, resta mencionar que toda essa experiência recorrente da multiterritorialidade também pode se engendrar e se reproduzir por meio da posse de residências secundárias no Brasil e/ou no exterior, situação que permite acumular as virtudes dos deslocamentos geográficos e a comodidade de sentir-se inteiramente em casa. Sobre isso e como visto, o conjunto dos informantes dispõe de casas de veraneio que contribuem, ademais, para a integração e, pois, para a própria preservação da história social de suas famílias. Como exprime o testemunho de uma psicanalista e esposa de um economista e ex-ministro do Brasil, tanto a harmonização das relações familiares quanto a convivência com os “amigos-hóspedes” são tributárias da posse de residências secundárias (uma casa na praia, um sítio na montanha e um apartamento em Paris), sinalizando que receber amigos e familiares em propriedades situadas em localidades reconhecidamente privilegiadas são, inevitavelmente, ocasiões em que se reproduz o capital social e simbólico do casal:

Durante a semana, uma vez por semana, os filhos e netos que podem almoçam comigo. De vez em quando, C. [o marido] também está presente ao almoço. É um almoço aberto para aqueles que podem vir. Os almoços são muito rápidos, mas os netos gostam muito. É uma ocasião para eles se encontrarem e para eu ter mais contato com eles [...]. Os primos se dão muito bem entre eles e são muito amigos [...]. Nós recebemos bastante os amigos também. Provavelmente mais

familiares, porque temos um sítio à beira da represa em [X], e uma casa da praia no [X]. Desde que nossos filhos eram pequenos íamos ou para [X] ou para a praia, para os fins de semana. Nunca tivemos o hábito de passar os fins de semana em São Paulo, e sempre preferi levar os amigos de meus filhos conosco. Portanto estou habituada a ter a casa cheia de amigos e familiares. Continuamos saindo sempre que podemos, e muitas vezes filhos e netos vêm conosco.

Se, pois, a família que tem casa na praia, fazenda na montanha e apartamento no exterior tem maiores chances de conviver mais intensa e harmoniosamente durante toda a vida com os filhos, os amigos dos filhos e seus próprios amigos – em um bom exemplo de como o maior patrimônio pode vir a assegurar também a maior família³⁸ –, pode-se pensar que os núcleos familiares destituídos de propriedades de veraneio não reproduzem, em igual medida, sua história social³⁹. Eles seriam, na visão de Béatrix Le Wita, menos imunes ao arruinamento dos vínculos com a parentela:

A existência das *maisons de famille* situa o burguês nos antípodas do migrante. Seu estilo de vida não é feito de rupturas ou cisões dolorosas. Ele ignora a desagregação da parentela, a separação das gerações, os fins de semana passados na cinzenta monotonia parisiense ou suburbana, as crianças confiadas aos centros educativos durante o recesso escolar. [...] a antiguidade das mansões, a convivência entre as gerações, o enraizamento nas propriedades, a assistência mútua entre parentes, o domínio da gestão material das coisas fazem desses fins de semana um tempo privilegiado de descanso semelhante a um verdadeiro luxo (LE WITA, 1988, p. 43)⁴⁰.

38 “Basta perguntar por que e como os poderosos têm tantos sobrinhos, sobrinhos-netos e sobrinhos-bisnetos para perceber que se os maiores têm também as maiores famílias, ao passo que os ‘parentes pobres’ são também os mais pobres em parentes, então é porque nesse domínio como alhures o capital vai ao capital” (BOURDIEU, 2002, p. 175-176). Em livre tradução.

39 Publicitário europeu muito bem-sucedido no Brasil e proprietário de residências secundárias no país e no exterior, o pai de uma artista plástica se opõe ao ethos paterno que busca “despachar” as filhas casando-as e parece manter-se na posição de mantenedor de toda a família. Tal comportamento que é visto, por sua filha, como algo típico dos homens de sua origem étnica mostra bem como o maior patrimônio assegura também a manutenção da maior família: “Pesquisadora: E hoje, então, você considera que a sua família seja você e sua filha. Seria isso? Informante: É, na verdade, a minha família ainda é todo mundo, porque meu pai é muito centralizador, né? Espanhol, então... Eu frequento muito eles, a gente está sempre muito ligado (sic)”.

40 Já no caso dos (poucos) informantes que viveram uma ascensão social solitária e que são os únicos, entre os seus, a ocupar uma posição social privilegiada, foram obtidos registros de que as casas de veraneio podem, ao contrário, ensejar “brigas de irmão” para decidir quem irá emprestá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se procurou apontar, se há um grupo predisposto a honrar o enaltecimento das práticas e dos circuitos raros que é propagado na codificação de normas de viagens, esse grupo se localiza preferencialmente nos altos estratos da sociedade. Menos sujeitos aos ritmos coletivos e ao calendário regular de trabalho, os indivíduos investigados conseguem, mais do que os membros de outros segmentos sociais, evitar o contato direto com as multidões, por meio de suas práticas culturais multiterritoriais, sem restrições de tempo e de dinheiro. A exclusividade ou primazia das práticas mais raras encontra, assim, plena realização no estilo de vida desses paulistanos de alta extração, que se orientam aos lugares e às práticas mais distintivos em dado momento, preservando-se eficazmente dos espaços densamente ocupados.

Se, por um lado, os guias de estilo de vida fazem dos deslocamentos geográficos raros e das práticas culturais multiterritoriais um parâmetro de excelência social, por outro, os estudos e as entrevistas analisados apontam que tais mecanismos de socialização internacional são, também, um princípio de sucesso social, posto que uma oportunidade de assimilação de códigos socioculturais cosmopolitas, de acumulação de capital social em escala internacional e de aquisição de competências que serão úteis à ocupação de posições de destaque no Brasil.

Em vista disso, e nesse momento em que os dados oficiais informam que o brasileiro viaja como nunca antes em sua história, tanto dentro quanto fora do país – ainda que esse número seja ainda, como visto, diminuto –, vê-se toda a importância de estudos voltados às lógicas socialmente distintivas que emergem desse novo contexto, em que setores historicamente excluídos das práticas culturais multiterritoriais intensificam seus deslocamentos. Isso porque o aumento do número de viajantes faz não apenas expandir as áreas geográficas exploradas, mas, também, intensificar as prescrições de normas de viagem e consagrar a inseparabilidade entre posicionamento social e mobilidade espacial e, assim, a manutenção da hierarquização dos grupos a partir da dimensão de seu espaço de referência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTANSKI, Luc. L'encombrement et la maîtrise des "biens sans maître". *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 7, p. 102-109, 1976.

- BOTELHO, Isaura; FIORI, Maurício. O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo. *Relatório de pesquisa do Centro de Estudos da Metrópole*. CEBRAP, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008 [1979].
- . Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction. In: BOURDIEU, Pierre. *Le bal des célibataires: crise de la société paysanne en Béarn*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- BRISSAC, Chantal. Doce balanço: transforme algumas horas à beira-mar em uma sessão de bem-estar. *Revista da Folha*, São Paulo, p. 4, 7 de janeiro de 2007.
- CANTUARIA, Adriana Lech. Das escolas de imigrantes aos colégios internacionais: a constituição do espaço das escolas internacionais em São Paulo (1878-1978). *Pro-Posições*, Campinas, v. 15, n. 2 (44), p. 39-60, 2004.
- CARACTERIZAÇÃO e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil – 2010/2011. *Relatório executivo apresentado pela Fipe*. São Paulo: Fundação Instituto de pesquisas Econômicas, setembro de 2012. p. 2.
- CHAMBOREDON, Hélène; PAVIS, Fabienne; SURDEZ, Muriel; WILLEMEZ, Laurent. S'imposer aux imposants: à propos de quelques obstacles rencontrés par des sociologues débutants dans la pratique et l'usage de l'entretien. *Genèses*, Paris, n. 16, p. 114-132, 1994.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 1. tomo. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- LEÃO, Danuza. Os muito ricos não gargalham. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. C4, 21 de outubro de 2007a.
- LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.
- LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue: approche ethnographique de la culture bourgeoise*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1988.
- MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. v. 3 (Da belle époque à era do rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 131-170.
- MEDEIROS, Marcelo. *O que faz os ricos ricos: o outro lado da desigualdade brasileira*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2005.
- MENDES CALDEIRA, Eleonora. Apresentação. In: PINSKY, Jaime (Org.). *Cultura e elegância: o que se deve fazer e o que é preciso conhecer para ser uma pessoa culta e elegante*. São Paulo: Contexto, 2005.
- O BRASILEIRO nunca viajou tanto pelo Brasil. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20121024-2.html>. Acesso em: 20/09/2014.

- PATTIEU, Sylvain. Usages et conséquences des mobilités à l'époque moderne. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 170, p. 110-115, 2007. Resenha crítica do livro de Daniel Roche – *Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*. Paris: Fayard, 2003.
- PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie*. Paris: La Découverte, 2000.
- _____. La grande bourgeoisie: une classe sociale très organisée. In: CHOPART, Jean-Noël; MARTIN, Claude. *Que reste-t-il des classes sociales?* Paris: Éditions de l'École Nationale de la Santé Publique, 2004. p. 65-75.
- _____. *Voyage en grande bourgeoisie*. Paris: Quadrige/PUF, 2005.
- _____. *Les ghettos du gotha: comment la bourgeoisie défend ses espaces*. Paris: Seuil, 2007.
- RÉAU, Bertrand. Évasions temporaires: socialisations et relâchements des contrôles dans les villages de vacances familiaux. *Espaces et sociétés*, Nanterre, n. 120-121, p. 123-139, 2005.
- RÉAU, Bertrand; COUSIN, Saskia. *Sociologie du tourisme*. Paris: La Découverte, 2009.
- SCHPUN, Mônica Raisa. Regionalistas e cosmopolitas: as amigas Olivia Guedes Penteadó e Carlota Pereira de Queiroz. In: MATTAR, Denise (Org.). *No tempo dos modernistas: D. Olivia Penteadó, a senhora das artes*. São Paulo: Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteadó (FAAP), 2011. p. 41-77.
- WAGNER, Anne-Catherine. *Les classes sociales dans la mondialisation*. Paris: La Découverte, 2007a.
- _____. La place du voyage dans la formation des élites. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 170, p. 58-65, 2007b.
- _____. Le jeu de la mobilité et de l'autochtonie au sein des classes supérieures. *Regards Sociologiques*, Strasbourg, n. 40, p. 89-98, 2010.
- WOLFF, Sylvia Ferreira Santos. *Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura*. São Paulo: EDUSP/FAPESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.